

BARALHO DE.....

PERDER

O

CON
TRON
LE

ÁRLLAN MACIEL
CUNHA ALVES

COM ORIENTAÇÃO DE
GRAZIELE SCHWEIG

Este recurso educacional é
parte integrante da
dissertação intitulada

GAMBIARRAS E INVENTIVIDADES NO COTIDIANO DOCENTE

defendida no âmbito do
Promestre – Mestrado
profissional, da Faculdade de
Educação da UFMG, em abril de
2025

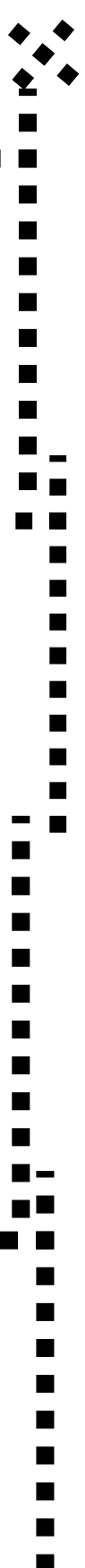
Este jogo foi pensado para docentes da educação básica, mas pode ser que atinja outros/as, de outros níveis e lugares, enquanto ricocheteia.

É algo como um **ORÁCULO**

Só que ele não desvela a verdade, não prediz futuro algum, porque futuro ainda não existe. Se fosse possível prevê-lo, estaria morta qualquer possibilidade de futuro, porque tiraria do mundo a dimensão do ainda não feito, do por fazer, do inexistente. E o inexistente, em qualquer campo da vida, é precondição para que possa existir alguma coisa.

Está aí a dimensão inventiva da docência: a do por existir.

A ideia desse baralho é se colocar como um dispositivo de atenção, um disparador de sensibilidade gambiológica...



Buscamos trazer a recombinação do disponível (e talvez apenas ainda não notado), a aleatoriedade e o imprevisível, como forma de balançar nossas certezas, ajudar a colocar em outros termos, em outras histórias e lugares os personagens, pessoas, lugares, ações, coisas... que costumamos deixar em posições travadas e em campos cristalizados.

É um jogo onde o principal objetivo é, justamente, virar a mesa,

DES REGRAR.

Nesse
baralho,

existem

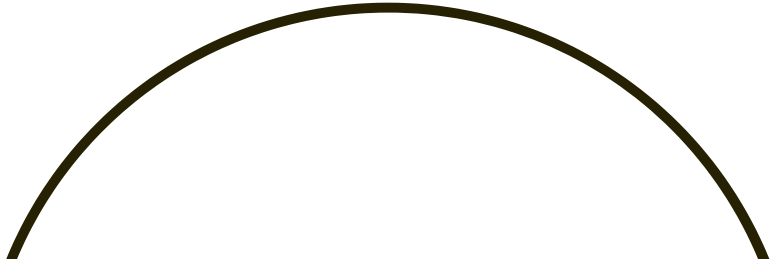
três tipos

de cartas

Cartas de **QUE**
FAZER?

Apresentam, em forma de perguntas, alguns dilemas, questões e problemas que colegas e amigos/as docentes sentem em seu cotidiano (acrescidas de outras que sinto na minha própria prática).

Os dilemas surgiram a partir da pergunta “qual o maior problema que você enfrenta em relação ao planejamento e realização das suas aulas?”. As respostas foram traduzidas em forma de “que fazer?”.



Cartas de

HOUVE UM DIA...

Trazem pequenos recortes de

- 1) situações empíricas vividas/presenciadas por mim, tanto na minha trajetória docente quanto em trabalhos de campo e pesquisas das quais participei; e
- 2) relatos de colegas, amigos e outros/as professores/as, contando sobre coisas que também presenciaram ou viveram.

Todas têm relação, de alguma maneira, com a dimensão inventiva da docência, onde foi necessário ter lançado mão de alguma gambiarra para dar jeito na demanda.

Cartas de

DIZEM POR AÍ...

Trazem frases e ideias,
escolhidos por mim, com as
quais trombei em momentos
distintos da minha
trajetória, e que me fizeram
pensar por outros termos,
com outras disposições,
sobre dilemas e situações
que eu enfrentava nas minhas
práticas.

A maneira de
jogar com essas
cartas é bem
simples*:

*e, claro, a que
vamos apresentar
aqui não é a
única, há sempre
espaço para
inventar.

Antes de tudo, é bom ter
em mente algum



ou alguma situação que
lhe mobilize em sua
prática. Daí, o resto é
bem intuitivo.

Tira-se uma carta de cada tipo, indicando que se inicie pela

QUE
FAZER?

para poder estabelecer algumas linhas de contorno com o incômodo em mente. Pergunte-se:

Quais relações
surgem entre seu
incômodo e a
pergunta da carta?

A pergunta auxilia a
delinear o
incômodo, colocá-
lo em outras
palavras?

A pergunta
revela algum
matiz menor
nesse
incômodo?

O incômodo faz
emergir da
pergunta alguma
situação vivida?

Em seguida, tira-se uma
carta de

HOUVE UM DIA...

e lê-se atentamente a
situação narrada, quantas
vezes achar necessário. A
partir das relações
estabelecidas no momento
anterior, essa carta vem
trazer novas perguntas:

Já aconteceu algo parecido com você?

O acontecimento da carta se relaciona de alguma maneira com o incômodo evocado?

De que maneiras a pergunta da carta anterior se relaciona com a situação lida?

E em que isso toca seu incômodo?

Se fosse você, na situação narrada, o que faria?

Existe algum proceder inventivo diante do que foi contado?

No último momento, já tendo pensado sobre as perguntas levantadas, tira-se uma carta do tipo

DIZEM POR AÍ...

A partir das ideias apresentadas, as frases vêm para trazer mais um deslocamento das relações que vinham sendo construídas. Então, pode-se pensar em perguntas do tipo:

Como posso ler a relação entre
incômodo + que fazer + situação, a
partir do que a frase está dizendo?

Ela apresenta alguma chave de
leitura distinta? Oferece algum
elemento teórico ou de vivência que
balança ideias rígidas de como
proceder?

O que a frase fala para a pergunta
de Que fazer?

O que a frase fala para a situação?
O que a frase fala diretamente para
meu incômodo?

~~Fim de jogo... e um pé atrás.~~

Querendo tornar esse jogo não apenas mais acessível, mas também mais manuseável e manipulável (fazer dele algo que não foi premeditado, continuá-lo, ou mesmo rasgá-lo...), ele está disponibilizado no formato print and .

Basta imprimir as cartas, fazer uns recortes , colagens, montagens e, simples assim, está pronto para ser usado.

É possível que todo esse modo de fazer sugerido seja realizado individualmente (você com seus botões) ou em duplas, grupos (com uma pessoa tirando as cartas para outra e, assim, juntos/as pensando as relações entre elas e os incômodos elencados).

Um template, um molde pronto de cada tipo de carta também está disponível para que cada jogador/a possa atualizar seu baralho com mais situações, problemas e citações que achar pertinentes ou impertinentes.

Pode-se também criar outras categorias de carta, inventar outras maneiras de jogar, fazer o que for com esses oráculos, jogos.

Não sou nada chegado
a leituras
“divinatórias” de
oráculos, e algum
fascínio que tenho
por baralhos como o
tarô vem muito por
achá-los
intrigantes, com
cartas bonitas e uma
aura de coisa
“arcana”, como se
houvesse alguma
grande história a
ser descoberta entre
um embaralhar e
outro.

Hoje não acho que há
histórias prontas a
serem descobertas
através de cartas,
mas creio que esses
oráculos são ótimas
ferramentas para que
possamos inventar
algumas novas
narrativas.

A combinação de
cartas não
revela verdade
alguma, ela
empurra nossas
incertezas
(sempre bem-
vindas, diga-
se), dá
elementos para
pensar, para
movimentar
algumas
engrenagens e
modos de fazer
que costumamos
deixar parados.

Começar pela disponibilidade de nomear um incômodo já é um passo enorme para conseguir lidar com ele. E, como estamos falando de contar histórias, sempre bom lembrar que, para bom entendedor, vírgula é palavra.

Na docência como na vida, não há garantias absolutas.

Tanto melhor, porque a imprecisão, os parafusos a menos e os espaços vazios nos mapas são como que um grande respiro. São a constatação de que ainda há algo a ser feito por aqui. E, meu amigo e minha amiga, tem coisa demais.

Por isso, faça desse baralho o que quer que te coloque ar nos pulmões. Seria bom até se desse para jogar com ele umas partidas de truco...

Que
fazer?

Que
fazer?

Que
fazer?

Que
fazer?

Que
fazer?

Que
fazer?

quando
sentimos que
não temos
repertório ou
arsenal de
práticas?

quando nos
deparamos
com o
desinteresse
dos/as
alunos/as?

para ser
menos
tímido?

para lidar com
os dias atípicos
que atropelam
nossos
planejamentos?

para ser um/a
pesquisador/a
da própria
prática?

para lidar com
falta de tempo
para planejar
aulas?

para lidar
com a falta de
tempo durante
as aulas?

para lidar
com os
diferentes
perfis de
alunos/as
numa mesma
aula?

para não se
perder na
organização
dos
materiais?

para que o
planejamento
seja menos
solitário?

para escapar
da lógica
quadro +
exposição +
atividade de
fixação?

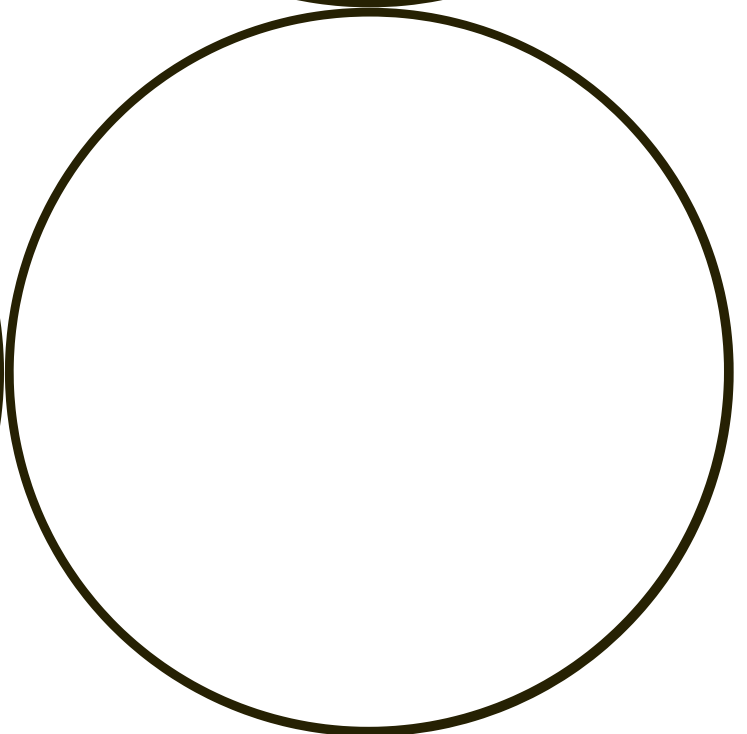
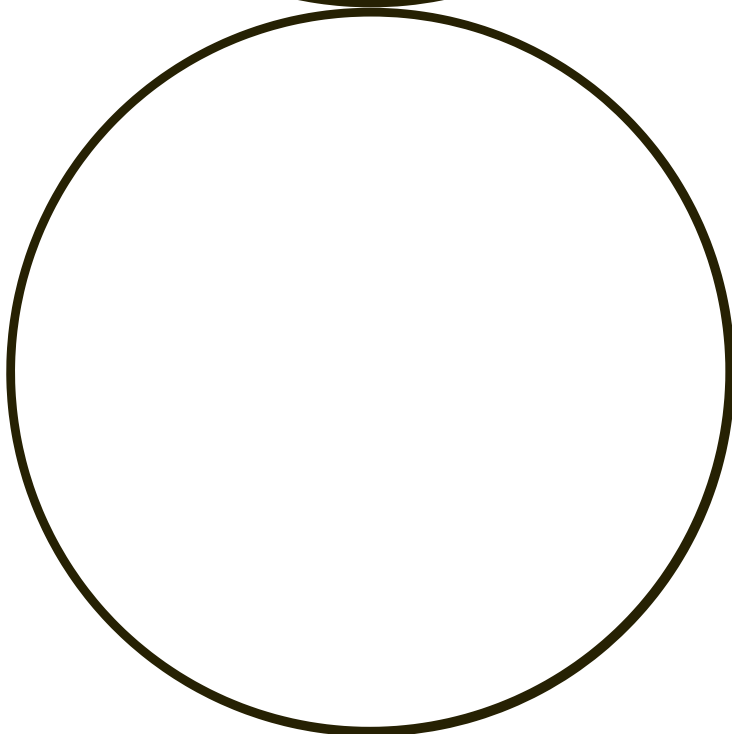
para lidar
com a
rejeição
dos/as
alunos/as?

para lidar
com as
diferenças de
visão de
outros/as
profs?

para lidar
com as
alterações no
currículo?

com os
roteiros e
manuais que
caem prontos
nas nossas
mãos?

para não estar
demasiadamente
certo das nossas
certezas?



**houve
um
dia...**

**houve
um
dia...**

**houve
um
dia...**

**houve
um
dia...**

Eu improvisava bastante. Tipo, se a turma estava muito agitada e não conseguia se concentrar em nada, eu ia lá e passava um texto para eles acalmarem. Se estavam muito apáticos, um exercício escrito. Muita coisa era “inventada” na hora (mas claro, inventada dentro de um conhecimento que já existia)...

A professora foi anotando as falas da aluna, no quadro. Os alunos, todas e todos, mesmo que poucos (ou talvez *porque* eram poucos) colocavam uma atenção impressionante nos rumos da conversa. E assim a aula se desenvolveu, com uma coisa meio mágica, meio magnética, de uma troca que era uma conversa ao mesmo tempo muito complexa e muito fácil de ir seguindo, entendendo e se envolvendo...

Cheguei na escola, sem avisar e sem saber, em um dia que a direção fazia uma reunião com os/as estudantes. Me achei no pátio, onde ocorria a reunião, com uma grande quantidade de alunos/as e alguns/as aparentes professores/as sentados/as em roda e, no centro do círculo, a diretora. A reunião, fiquei bem surpreso de ver, era uma espécie de “abertura da caixa preta” do Novo Ensino Médio para seus/suas alunos/as. Assim, a partir das perguntas que os/as alunos/as iam trazendo, a diretora respondia, fazia apontamentos e desenhava algumas possíveis soluções em conjunto...

Já estamos nos fins do ano letivo, depois de meses de contato apenas *online* com os/as alunos/as. Muitos/as continuam mandando as atividades por vias digitais. Assim, já no último bimestre, um aluno me manda uma mensagem por whatsapp, perguntando se podia me enviar as atividades por lá mesmo. Meio contrariado, por não ser um meio “oficial”, respondo que sim. Ao que ele emenda outra pergunta que, para nós da sociologia, que temos uma aula por semana, já é, infelizmente, bem conhecida: “E você é professor de que mesmo?”...

A aula, nesse dia, seria na biblioteca, pois a sala estava inutilizável. Com alunos/as espalhados/as entre as mesas redondas, a impressão que eu tive é de que a turma era formada por pequenas ilhotas, cada uma com suas características e “cultura” próprias. Tinham as ilhas das conversas e risadas, a ilha dos jogos e baralhos, a ilha dos celulares na cara. No meio e entre essas ilhas, onde a vida própria parecia fazer mais sentido desconectada das tentativas docentes, navegava a professora, tentando catar para as suas explicações alguma atenção perdida, jogando uma rede e buscando um ouvido ou outro...

Em uma manhã de terça, a sala estava bastante vazia, contava apenas com 7 alunos, 3 meninas e 4 meninos. Como é de praxe nessas situações, ao verem a professora entrar na sala, já foram logo pedindo para ser aula livre, alegando a vazidão da turma. Como também é de praxe, temos que negar, e foi o que a professora fez, com um sorriso de “todo dia isso, cara”. Ainda assim, ao contrário das salas com turmas cheias, deixou que os/as alunos/as se movimentassem mais livremente pelo espaço, sem obrigação de se sentarem em suas respectivas carteiras, enquanto escrevia no quadro o assunto que trabalhariam no dia...

Saindo para pegar uma água durante o recreio, sou abordado por um grupo de alunos que parece afoito. “Você não vai acreditar no que o professor de física acabou de fazer”, um deles me diz. E me contaram que, depois de um aluno zoar que seu comprimento parecia uma saudação nazista, ele de fato fez a saudação, desenhou uma suástica no quadro e perguntou aos alunos qual era o problema deles com o nazismo. Fui perguntar para outros alunos da sala, que confirmaram a história. Ainda chocado, fui contar para outros/as profs o ocorrido. Mas uma coisa já me veio à mente: mudei todo o meu planejamento da semana seguinte, para discutir com os alunos a situação...

Quando fui pegar minhas provas bimestrais, para aplicá-las logo no primeiro horário, veio a surpresa: minhas provas, não haviam sido impressas. Meio desesperado, precisava avaliar os alunos de alguma forma. Minha cabeça fritava. Chegando na turma, taquei o f*da-se. Contei que já estava com uma prova pronta, mas que a escola não a imprimiu. Então, juntando as ideias que vinham na hora com algumas que vieram no caminho da sala, e misturando com coisa que colegas costumam fazer bastante (mas que eu mesmo nunca tinha tentado) expliquei pros/as alunos/as qual seria meu trabalho avaliativo do bimestre: eles/as fariam um mapa mental, resumindo os aspectos que estudamos sobre o que é cultura, relacionando com exemplos do seu dia a dia...

Com uma aula da disciplina básica por semana, duas de alguma matéria aleatória dos Itinerários Formativos, a professora acabou adotando uma tática de subversão curricular: transforma a aula de itinerário em mais uma de sua matéria de origem. Em todas as suas três aulas semanais na mesma turma, registra no quadro, além do corriqueiro “Bom dia!”, também o nome mesclado “Sociologia e Humanidades”. Por mais que, na prática, não tenha o mesmo efeito e legitimação do que se fossem três aulas de sociologia na semana, essa tática amplia as possibilidades do que podemos fazer com a disciplina, expandindo o minguido encontro semanal com os quais nos acostumamos...

Substituindo uma professora de química, com atestado pra mais de mês, a professora de história, naquele dia, foi para as turmas onde estaria a professora afastada (o que, por si só, é um arranjo infralegal feito pelas escolas). Diante da reclamação dos alunos de que, na iminência de chegar o Enem, estavam perdendo tantas aulas de química, deu um passo ousado: levou os/as estudantes para a biblioteca, organizou-os/as em grupos e, junto com eles/as, pesquisou quais eram os conteúdos principais dessa matéria, fazendo uma espécie de grupo de estudos provisório...

Ouvi um professor de matemática, do noturno, contar que teve que dar aula em uma sala que possuía apenas um quadro negro, e que a escola não tinha giz disponível. Diante dessa falta, ele arrastou um armário para o lado e, no espaço pequeno de azulejo que fica ao lado do quadro, escreveu com o canetão que usamos nos quadros brancos. Fez o azulejo virar quadro, na falta de um quadro usável...

**DIZEM
POR
AI...**

**DIZEM
POR
AI...**

**DIZEM
POR
AI...**

**DIZEM
POR
AI...**

**DIZEM
POR
AI...**

**DIZEM
POR
AI...**

Rejeite os que vêm se oferecer: não vá procurar os que se afastam de você, e conte os que ficam. Se só tiver um, comece com esse. Semente de Crápula, Fernand Deligny	A estratégia da pedagogia das encruzilhadas, como guerrilha epistêmica, é seduzi-los para que eles entrem no mato. Lá, ofereço a todos uma casa de caboclo. Ah, camaradinhas, a mata é lugar de encantamento... Pedagogia das encruzilhadas, Luiz Rufino
... eles estão muito habituados a ouvir um monólogo, não é comum que se aventurem a formular suas dúvidas... O negro visto por ele mesmo, Beatriz Nascimento	... para que nos serve história?... A história é como o campo, o território dos vencedores. Não adianta contrapô-la uma história dos vencidos. Ainda não fomos vencidos. O negro visto por ele mesmo, Beatriz Nascimento
Eles são quarenta. Você pergunta "quem realmente quer jogar?" Vinte e cinco levantam a mão. Você leva todos até a quadra. E são os outros quinze que jogam. Semente de Crápula, Fernand Deligny	A palavra é carne, materializadora da vida, propiciadora de acontecimentos. Pedagogia das encruzilhadas, Luiz Rufino

Em primeiro lugar, devo estabelecer uma atmosfera em que os estudantes concordem em dizer, e escrever, e fazer o que é autêntico para eles. Medo e ousadia, Paulo Freire	Eu ouvia esses novos idiomas e sentia que a classe estava indo bem quando se expressava por meio de falas não defensivas. Medo e ousadia, Paulo Freire
Não devemos nos submeter ao texto, ser submissos diante do texto. A questão é brigar com o texto, apesar de amá-lo, não é? Entrar em conflito com o texto. Medo e ousadia, Paulo Freire	Os trabalhadores ensinam em silêncio, por seu exemplo, por sua condição... devemos estar completamente abertos a sermos seus alunos, para aprender pela experiência com eles, numa relação educacional que é, em si mesma, informal. Medo e ousadia, Paulo Freire
Nunca peço aos estudantes para fazerem em sala de aula um exercício de escrita que eu não esteja disposta a fazer. Ensinando pensamento crítico, bell hooks	No papel de professora, tive de abrir mão da minha necessidade de afirmação imediata no sucesso do ensino e admitir que os alunos podem não compreender de cara o valor de um certo ponto de vista ou processo. Ensinando a transgredir, bell hooks

O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a autenticidade de cada voz. Ensinando a transgredir, bell hooks	Ao reconceitualizar a pedagogia engajada, tive que perceber que o nosso propósito aqui não é o de nos sentirmos bem. Há aulas ou turmas que nós gostamos, mas em geral será difícil. Ensinando a transgredir, bell hooks
Proponho que possamos aprender não só com os espaços de fala, mas também com os espaços de silêncio... Ensinando a transgredir, bell hooks	O acordo a respeito do significado das palavras é uma conquista da comunhão: temos que trabalhar continuamente e, por essa razão, é sempre provisório, nunca final. Antropologia e/como educação, Tim Ingold
O óbvio é aquela categoria que só aparece como tal depois do trabalho de se descortinar muitos véus. Tornar-se negro, Neusa Santos Souza	A experiência do estranho parece indicar um momento de ruptura no tecido do mundo, essa teia de véus, imagens, sentidos e fantasmas que constituem o pouco de realidade que nos é dado provar. Tornar-se negro, Neusa Santos Souza
